

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

DENISE APARECIDA DA ROCHA

**A ECOCRÍTICA NOS CONTOS “O CACHIMBO DE FELIZBENTO”,  
“O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS” E “PRANTO DE  
COQUEIRO” DE MIA COUTO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

DENISE APARECIDA DA ROCHA

**A ECOCRÍTICA NOS CONTOS “O CACHIMBO DE FELIZBENTO”,  
“O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS” E “PRANTO DE  
COQUEIRO” DE MIA COUTO**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura” -  
Orientadora: Profª. Dra. Maurini de Souza

CURITIBA - PR

2020

# TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



**A ECOCRÍTICA NOS CONTOS "O CACHIMBO DE FELIZBENTO", "O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS" E "PRANTO DE COQUEIRO" DE MIA COUTO**

por

**DENISE APARECIDA DA ROCHA**

Esta monografia foi apresentada às 16:45 do 11 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Rio Negro - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

Marcelo Fernando de Lima

marcio matiassi cantarin

Maurini de Souza

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:  
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/E961797A>

DEDICATÓRIA

*Para*

*MAURINI DE SOUZA*

*Fada Madrinha*

*E para*

*Lígia (minha filha)*

*Anjo da Guarda*

## RESUMO

Este trabalho tem como propósito fazer apontamentos, reflexões e análise sobre a literatura africana, em especial a de Moçambique, representada pelos escritos do autor moçambicano Mia Couto. O *corpus* deste estudo é composto pelos contos “O cachimbo de Felizbento”, “O embondeiro que sonhava pássaros” e “Pranto de coqueiro”, que são apresentados e analisados no intuito de investigar a relação dos seres humanos com as árvores ou com a natureza na obra do autor. A obra de Mia Couto traz em destaque a preocupação com a questão identitária da nação, mas também se preocupa com questões de identidades dos indivíduos. Como referencial teórico utilizaremos autores que trazem reflexões partindo da Crítica Pós-Colonial e da Ecocrítica. Esta, também chamada de "ecocriticismo", estuda a relação entre a literatura e o ambiente físico, a crítica das ideias e dos discursos sobre a natureza, a ecologia e o ambientalismo.

**Palavras-chave:** Ecocrítica; Mia Couto; Literatura.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	ECOCRÍTICA NA LITERATURA: UMA COMBINAÇÃO EMERGENTE.....	09
3	ECOCRÍTICA NA SALA DE AULA .....	11
4	MIA COUTO E A PRODUÇÃO LITERÁRIA COMO RELAÇÃO DE UM POVO COM SEU MEIO .....	12
5	O CONTO COMO GÊNERO DA ECOCRÍTICA.....	16
6	ANÁLISE DOS CONTOS.....	19
6.1	O cachimbo de Felizbento.....	19
6.2	O embondeiro que sonhava pássaros.....	22
6.3	Pranto de coqueiro.....	26
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
	REFERÊNCIAS .....	30

## 1. INTRODUÇÃO

Não é novidade que teorias das mais variadas áreas apontam que a humanidade necessita reavaliar seus hábitos diante do universo para evitar uma catástrofe ecológica, que anuncia o aniquilamento da espécie humana. Somente compreensão e consciência, por parte do ser humano sobre sua função no meio natural pode redirecionar para significativas transformações.

Assim, a narrativa do moçambicano Mia Couto parece dialogar com algumas teorias, especificamente com a Ecocrítica, sinalizando para a necessidade de um projeto que vai além da preservação da fauna e da flora, apregoando a necessidade do ser humano redimensionar as atitudes e práticas diante do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

Atento também para as questões da interação entre o homem e seu meio natural, o autor transmite a voz de representantes de um espaço em crise (Moçambique), marcado pelas guerras da independência e civil. Somente em 1975 a independência foi alcançada. O pós-independência foi assinalado pela conquista da liberdade, conjuntamente com os horrores da guerra civil que se estendeu de 1976 a 1992.

A análise que se seguirá vai destacar a contribuição da teoria Ecocrítica para a literatura, frente ao contexto contemporâneo. Neste sentido, o interesse desta discussão está em torno das relações tecidas entre literatura e meio ambiente, atentando para as relações entre o ser humano e a natureza, especificamente nos contos “O cachimbo de Felizbento” e “Pranto de coqueiro, ambos da obra *Estórias abensonhadas* e “O embondeiro que sonhava pássaros”, da obra *Cada homem é uma raça*, do autor moçambicano Mia Couto, por um viés das teorias Pós-coloniais e Ecocrítica. Tais contos trazem consigo elementos que ultrapassam o real, anunciando um novo tempo, retomando antigos valores e visando uma nova postura do indivíduo na natureza e não sobre a natureza.

Esses contos são marcados pela relação dos seres humano com a natureza e se assemelham a uma narrativa oral, característica comum à cultura africana. Trazem reflexões que circulam harmoniosamente entre esta diversidade de assuntos, na tentativa de relacionar a essência humana num sentido profundamente existencial com questões biológicas, ressaltando o vínculo indispensável entre os humanos e a natureza.

Além dessas questões, Mia Couto também traz para reflexão questões como pertencimento e espaço. Idosos, mulheres, crianças, homens, os bichos, as águas e as plantas

são apresentados superpostos em identidades que tomam de volta as heranças do passado em oposição à nova cultura imposta pelo colonizador e pelo capitalismo.

Este início de século apresenta desafios e, como exemplo, podemos apontar para a crise ecológica, que impõe-se como temática que a escola não pode ignorar. O que, então, aqueles que trabalham com literatura deveriam fazer? Como a Ecocrítica pode oferecer subsídios à leitura literária na escola básica? Como a natureza é representada nos contos de Mia Couto?

Sabe-se que a literatura é uma das principais formas que o homem utiliza para refletir sobre o momento em que vive, permitindo a ele se conectar à terra assim como ao sobrenatural, exprimindo sentimentos e sabedoria. Por isso, ao analisar as formas literárias, quer escritas, quer orais, percebe-se que estas constituem uma enorme riqueza humana capaz de se propagar por meio dos tempos.

Nos contos de Mia Couto, há uma preocupação com a identidade dos povos africanos, mostrando o conflito entre a imposição dos valores coloniais e os valores tradicionais, que, de alguma forma, conseguiram se preservar. E esses fatos refletem uma maneira de pensar e viver típicas e são uma forma de resistência cultural e manutenção da identidade do povo moçambicano.

Estudos literários relacionados a uma perspectiva ecológica ou que suscitam uma reflexão sobre como a natureza é tratada e de que forma os seres humanos se relacionam com o espaço natural existem há um tempo considerável. No entanto, o primeiro registro do termo Ecocrítica data de 1976. Encontra-se no ensaio *Literatura e ecologia – um experimento em Ecocrítica*, de William Rueckert, que entende por Ecocrítica “o emprego da ecologia e seus conceitos ecológicos ao estudo da literatura” e propõe uma crítica literária com base ecológica a exemplo do estudo da literatura alicerçado nas Ciências Humanas.

Podemos dizer, portanto, que o estudo ecocrítico serve como uma reflexão, mostrando que, no decorrer do tempo, o ser humano se preocupou em acumular bens materiais e, em decorrência das suas atitudes, explorou a natureza demasiadamente, colocando em risco as espécies, inclusive a própria. Mediante a outros discursos e esferas disciplinares que miram para a natureza e para o ser humano, a teoria Ecocrítica se diferencia de outros estudos exatamente por não se colocar no centro do seu discurso de modo antropocêntrico (que coloca o homem no centro), mas sim, para pensar de modo ecocêntrico, ou seja, o homem como parte da natureza em pé de igualdade, em constante harmonia com a fauna, com a flora e com os elementos naturais.



A partir desse conceito, percebemos o quanto a literatura é rica em temas que tratam de questões ecológicas e silenciar a escola para essas questões é um dano literário. Nossa tentativa é observar nos contos selecionados como a literatura também pode se caracterizar em ser uma forma atuante e permanente na disseminação de informações e representação de práticas educativas sobre meio ambiente com foco para a relação entre seres humanos e natureza.

Também deve-se levar em conta que a interação entre homem e natureza é assunto possível de se discutir na sala de aula a partir de textos literários. A literatura abre diferentes possibilidades de enxergar e compreender o mundo, sendo a Ecocrítica uma dessas possibilidades. Esta perspectiva está relacionada à mudança de paradigma em relação a uma nova ética acerca da natureza e do ambiente. E essa nova ética é a base para uma vida em harmonia com o universo.

Além disso, atualmente as questões ecológicas não estão mais restritas à Biologia ou a outras ciências mais específicas. Há algum tempo os estudos ecológicos se tornaram interdisciplinares. Uma prova desse fato é que, no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais – documentos que regem o ensino fundamental e médio - podem ser aplicados ao meio ambiente.

E por que Mia Couto? Por que dentre tantos autores este foi escolhido para estimular o diálogo entre literatura e a demanda por um novo tempo? A escolha se deu porque sua escrita é balizada pela ética do cuidado, defesa dos valores da tradição e do sagrado, ligados ao meio natural. É possível perceber em suas obras uma ligação com seu espaço e com a sua terra, e suas narrativas são marcadas pelo universo humano, seus medos e suas crenças.

Neste trabalho procura-se contextualizar as teorias Pós-coloniais, observando os aspectos histórico-sociais que contribuíram para um passado colonial perverso. Também apresentar os contos como um representante específico do gênero narrativo que não mascara e nem esconde a opressão vivida pelo povo moçambicano. E ainda, descrever as possíveis contribuições da Ecocrítica para o ensino de literatura levando em conta as exigências e complexidades deste novo milênio e sistematizar os elementos de análise para os contos.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho será de natureza qualitativa/indutiva e de cunho bibliográfico. A partir da leitura das teorias Pós-coloniais, Ecocrítica, entre outras, tem-se a possibilidade de refletir sobre a literatura, a leitura e o ensino. A literatura abre possibilidades de enxergar e entender o mundo. E nesse sentido, a perspectiva Ecocrítica é uma das várias possibilidades de leitura, quando procuramos analisar as relações dos seres humanos com a natureza e o meio ambiente.

## 2. ECOCRÍTICA NA LITERATURA: UMA COMBINAÇÃO EMERGENTE

Perante o exposto, este trabalho tem como objetivo geral fazer uma análise Ecocrítica dos contos do escritor moçambicano Mia Couto “O cachimbo de Felizbento”, “O embondeiro que sonhava pássaros” e “Pranto de coqueiro”. Trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica de embasamento crítico-literário. Os objetivos específicos desse trabalho são contextualizar as teorias Pós-coloniais e Ecocrítica, descrever as possíveis contribuições da Ecocrítica para o ensino de literatura levando em conta as exigências e complexidades deste novo milênio e analisar como a natureza e o meio ambiente são representados nos contos. Para tanto, faremos uma análise Ecocrítica, enfocando não apenas a interdependência entre a humanidade e o mundo natural, mas também entre a própria cultura humana.

Cherryl Glotfelty (1996) salienta que os estudiosos da literatura começaram a desenvolver crítica e teoria de formação ecológica na década de 70. Isso se deve aos indicadores de um cenário ambiental que anunciavam graves problemas e que propiciou o surgimento de pesquisas relacionadas com o futuro da existência e com a diversidade do ambiente natural.

A teoria Ecocrítica constitui-se numa das várias possibilidades de leitura para analisar as relações dos homens com a natureza através do viés literário e está relacionada à mudança de paradigma em relação a uma nova ética para uma vida em harmonia com o universo, uma era ecológica. O conceito de Ecocrítica é descrito por Glotfelty (1996) apud Garrard (2006, p. 14):

O que é ecocrítica então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra.

A respeito do termo Ecocrítica, atualmente há alguns princípios básicos que devem ser observados:

Assim, a ecocrítica: é uma abordagem teórica interdisciplinar, pois incorpora em seu corpus analítico, além da literatura, outros artefatos culturais, como a arquitetura e o cinema; é declaradamente política, porque contesta relações binárias impostas culturalmente (como a divisão entre natureza e cultura, iniciada no período do Renascimento e potencializada pelo pensamento iluminista e tecnicista do século XVIII); assume a importância de repensar comportamentos, por considerar a crise

ambiental uma realidade já instaurada; concebe a crise instaurada como resultado de um processo (ainda em vigência) de dominação técnica do homem sobre o mundo natural; está centrada em questões de análise de expressões culturais que tratam de maneira mais ou menos explícita do meio natural (caso haja a ausência de traços de uma natureza, mesmo que distanciada, é interessante sempre nos perguntarmos o porquê de ela não estar representada em determinada obra) e/ ou do comportamento de grupos humanos distintos a se relacionar com outros, não humanos; é considerada uma abordagem que revisa discursos e práticas hegemônicas, possibilitando, a partir das linguagens decorrentes de manifestações culturais e artísticas, um retorno à ética ou uma virada ética; funciona como ferramenta de leitura de (novos) mundo(s), essencial para promover a consciência ecológica (considera-se, aqui, a noção de ecologia mais do que um conjunto de pressupostos que dão forma a uma ciência biológica: trata-se do reconhecimento de outros saberes que não somente os convencionais, perpetuados em função da hegemonia científica (MARINO E MOLINARI, 2019, p.16 e 17).

Sendo assim, a Ecocrítica, enquanto teoria interdisciplinar, relaciona-se com tudo o que, de algum modo tem a ver com o ser humano e com a articulação ético-política entre meio ambiente, sociedade e as subjetividades humanas. Também assume que as humanidades e as ciências devem dialogar para melhor compreender a problemática do homem na natureza.

Mariana Marino e Yuri Molinari (2019), trazem, ainda, o ponto de vista de Glotfelty, no sentido de compreender que a Ecocrítica apresenta uma visão de mundo que inclui toda a ecosfera, considerando a natureza como casa do homem. Desse modo, seres humanos e natureza jamais poderão ser/estar dissociados.

Cabe destacar que a ecocrítica está relacionada a movimentos sociais mais amplos, que entram em choque com o modo de produção capitalista. Os próprios movimentos identitários e o pós-colonialismo devem ser relacionados a ela. A ecocrítica não existiria sem esses movimentos.

No que se refere à crítica pós-colonial, vale mencionar que não se trata de uma única linha teórica, visto que os vocábulos teoria pós-colonial, pós-colonialismo ou mesmo estudos pós-coloniais trazem consigo cargas semânticas que apontam para as mais diversas direções ideológicas, políticas e mesmo institucionais.

Boaventura de Sousa Santos (2004, p. 8) se refere ao pós-colonialismo como

[...] um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre Norte e Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo.

A partir desse conceito pode ficar mais claro pensar essas relações desiguais no bojo da modernidade. E desse modo, surge a crítica pós-colonial, trazendo um ponto de vista alternativo à compreensão das colonizações, envolvendo permanentes questionamentos no

que tange a essas e outras relações também importantes para compreensão tanto da cultura quanto da política na era da descolonização. Fica evidente que a preocupação do crítico deve girar, então, em torno da criação de um espaço favorável aos marginalizados e oprimidos, para recuperar sua história e sua voz.

### **3. ECOCRÍTICA NA SALA DE AULA**

Levando em consideração o momento em que estamos passando, no qual uma pandemia alterou a organização mundial, nós, professores de literatura, não podemos permanecer alheios às mudanças sociais e políticas e considerar as agendas determinadas como urgentes e de preocupação tanto na esfera local como no global. Há necessidade de ajustar a prática pedagógica a estes tempos e a Ecocrítica pode oferecer subsídios. Depois da edição dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCNEM, em 2002, consolidou-se a ideia da literatura não mais como disciplina escolar, mas sim como um gênero textual ou discursivo, bem como, em seu bojo, o pensamento de que os instrumentos da Linguística do Texto seriam suficientes para a leitura do texto literário (BRASIL, 2002).

Realmente, a Linguística Textual oferece auxílio para se ler literatura, contudo, parece não ser suficiente. O início deste século denota desafios e a crise ecológica é apontada como uma das principais temáticas que a escola não pode ignorar.

Fritjof Capra (2008, p. 25) afirma que:

Ensinar esse saber ecológico, que também corresponde à sabedoria dos antigos, será o papel mais importante da educação do século 21. A alfabetização ecológica deve se tornar requisito essencial para políticos, empresários e profissionais de todos os ramos, e deveria ser uma preocupação central da educação em todos os níveis.

Essa alfabetização ecológica deve levar em consideração os princípios da ecologia e ensinar como tudo se relaciona na teia da vida: todos os seres, animados e inanimados. O vínculo do homem com os demais habitantes do planeta constitui o que Edgar Morin (2007) chama de condição humana. É justamente neste contexto que a literatura pode contribuir, pois, segundo Morin (2007, p. 43) a literatura “nos leva diretamente ao caráter mais original da condição humana”.

Assim, a Ecocrítica pode colaborar para as atuais discussões sobre como habitar a terra de um modo responsável, cuidadoso e solidário. Também o professor pode interrogar sobre como a natureza é representada nos textos literários, se há distinção entre escrita masculina e

feminina quando a temática é natureza e investigar como a literatura pode interferir ou contribuir para a conscientização dos leitores acerca do tema.

A Ecocrítica tem como suporte diferentes teorias filosóficas e movimentos sociais que se ocupam da relação dos humanos com o seu entorno (ética ambiental, ecosofia, ecofeminismo, ecologia profunda, justiça ambiental etc) e tem como objetivo maior, superar o antropocentrismo, mostrando ao homem que ele é mais um elemento da natureza, que faz parte dela, e não superior a ela, em uma integração ecocêntrica.

Quando os homens insistem em enxergar a natureza como algo externo, essa superioridade, acaba por inferiorizar os outros seres, dificultando, assim, que a natureza venha a ser entendida de modo integrado. Infelizmente, ainda não houve uma tomada de consciência pelo ser humano de que o mesmo faz parte da natureza e que uma vez destruída, ele também sofrerá os efeitos resultantes dos seus atos.

Nas considerações finais deste trabalho, colocaremos sugestões para uma atuação crítica do professor em sala de aula levando em consideração esses pontos aqui apresentados.

#### **4. MIA COUTO E A PRODUÇÃO LITERÁRIA COMO RELAÇÃO DE UM POVO COM SEU MEIO**

Autor cuja obra vem sendo pesquisada intensamente em diversas universidades brasileiras, Antonio Emílio Leite Couto, ou simplesmente Mia Couto, se insere como escritor e cidadão, exatamente nesse período de intensas mudanças no campo político-literário moçambicano. Com seu projeto literário, transmite a voz de sujeitos pós-coloniais representados nas suas narrativas por personagens marcados pela vivência do colonialismo e pela busca de uma nova forma de estar no mundo.

Hoje é o escritor mais traduzido no mundo, com obras publicadas em mais de vinte e dois países. Nasceu em 1955, na cidade de Beira, a segunda maior de Moçambique, onde passou sua juventude na ocasião do auge das lutas pela independência e, já maduro, viveu outra guerra, de 1976 a 1992, vivência que oportunizou o seu primeiro livro de contos e o seu primeiro romance. O fato de ter vivido em um país conduzido pelas relações colonialistas e pelas guerras de 1964 a 1975 e de 1976 a 1992 oportunizou um olhar mais cuidadoso sobre o dia a dia do seu país proporcionando uma produção literária igualmente mais cuidadosa, rigorosa, porém poética. Mia Couto recorre a uma escrita lúdica, inventa expressões, cria

palavras com auxílio de prefixos, enfim tece uma narrativa que se aproxima do espaço do simbolismo e das particularidades da sociedade moçambicana.

Em suas obras, desenvolve um novo modelo de narrativa e procura “reinventar” uma escrita apropriando-se dos falares de diversas regiões de Moçambique. Seu romance “*Terra Sonâmbula*” foi considerado um dos melhores livros africanos do século XX. Desde então, Mia Couto é um autor cultuado pela mídia tanto em Portugal quanto no Brasil, onde é membro da ABL.

Aos 17 anos, inicia os estudos universitários em Medicina e abandona-os, optando pelo Jornalismo, ampliando os círculos intelectuais. Em 1985, retornou à universidade para cursar Biologia, a qual se dedica atualmente enquanto biólogo e escritor, sendo conceituado como um dos maiores escritores contemporâneos de língua portuguesa.

Homem branco de classe média, mediador das culturas moçambicana e portuguesa, Mia Couto é considerado um sujeito híbrido nos aspectos culturais e linguísticos. Na infância tinha como hábito ouvir histórias do “griots” tradicionais, levado pelo ritmo das palavras, sem mesmo compreender a língua. Enfatiza as práticas sociais voltadas para a oralidade e transporta para a sua escrita a força consagrada das narrativas orais, destacando as diferentes culturas de seu país colocando em pauta a temática da diversidade.

O trabalho desenvolvido como biólogo em projetos de preservação ambiental permitiu que conhecesse a cultura e os povos das áreas rurais do país. Por conta dessa experiência, o autor produz suas narrativas procurando retratar as histórias ouvidas durante essas viagens, utilizando-se dos falares das diversas regiões produzindo um novo modelo de narrar. Empenha uma busca em reconstruir uma identidade moçambicana, sem perder de vista os dramas protagonizados pelos personagens que circulam suas narrativas, aqueles que viveram e/ou vivem o processo de colonização. Mia Couto utiliza a língua do colonizador, reinventando-a, para contar a saga de um Moçambique sofrido. O papel da escrita de Mia Couto é mostrar os sons angustiantes de um país que destruído pela colonização e pela guerra tenta se reedificar.

Ao abordar a produção literária de Mia Couto, foi possível observar o percurso da oralidade e da escrita delimitando sua obra. É notável a relevância da tradição para que se determinem de maneira harmoniosa os temas, personagens, espaço e situações nas composições literárias do moçambicano. O fato da literatura se basear na oralidade e nos modos de vida de uma comunidade para mais tarde tomar forma na escrita não parece inovação. Isso acontece e aconteceu no decorrer da história da literatura, pois não existe produção literária consistente sem contato com a realidade.

Assim, a literatura de Mia Couto recolhe os cheiros, sabores e modos de África/Áfricas:

A escrita coutiana nos afirma que no espaço das identidades africanas, não basta ouvir os ancestrais, mas é preciso continuar ouvindo a linguagem dos tambores e de todo o seu imaginário, pois são estes, que muitas vezes, melhor nos conduzem às imagens culturais para além daquelas que foram impostas, como únicas, pela tradição ocidental (TOSTES, 2007, p. 41).

Nos contos selecionados para análise da ficção de Mia Couto, são acentuadas as histórias de sua gente, de seu país como tema principal de sua composição. Assim, a natureza, os rios, florestas, os animais, a noite, os ventos, as chuvas e o homem compõem suas narrativas. A tradição dialoga com a modernidade. É um diálogo cuidadoso, pouco confortável e cheio de conflitos que mostram uma Moçambique em busca de afirmação e de reestruturação.

Tendo como ponto de partida a literatura moçambicana, analisamos os contos “O cachimbo e de Felizbento”, “O embondeiro que sonhava pássaros” e “Pranto de coqueiro”, de Mia Couto, à luz do que se estabelece o gênero conto e o que nessas narrativas se evidencia em relação às teorias pós-coloniais e Ecológica.

Desse modo, os textos selecionados marcam a relação dos homens com a natureza e uma preocupação com a identidade dos povos africanos, mostrando o conflito entre a imposição dos valores coloniais e os valores tradicionais, que, de alguma forma, conseguiram se preservar. E esses fatos refletem uma maneira de pensar e viver típicas e são uma forma de resistência cultural e manutenção da identidade do povo moçambicano. Assim, tais textos podem colaborar para uma compreensão mais atenta das tensões vivenciadas naquele período mediante as experiências de vida das personagens, as quais transitam dentro desses cenários esfacelados pela guerra.

Nesse sentido, o estudo aqui apresentado indica a tentativa de aproximar a narrativa de ficção das teorias que sinalizam para a necessidade de um projeto que vai além da preservação da fauna e da flora, apregoando a necessidade do ser humano redimensionar as atitudes e práticas diante do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

Inicialmente, a questão do colonialismo toca nas questões sociais e introduz um espaço de guerra que se manifestará no desejo de libertação e a uma nova organização do país. Em oposição aos interesses econômicos e políticos atuais, o colonizador não acata as determinações e furtivamente tenta redefinir um novo lugar do homem na natureza e não sobre a natureza.

Diante desse contexto, a narrativa de Mia Couto parece dialogar com as teorias do pós-colonialismo, especificamente a Ecocrítica. Atenta também para as questões da interação entre o homem e seu meio natural, o autor traz a voz de representantes de um espaço em crise (Moçambique), marcado pelas guerras da independência e civil. Entende-se que a literatura moçambicana se sustenta na tentativa de estabelecer uma contranarrativa e subverter a condição de submissão ao poder instituído. Por meio dela, a voz do oprimido ganha sonoridade. É uma tentativa de recompor as vozes silenciadas pela opressão.

O fantasma do colonialismo chegou à região onde é Moçambique ainda no século 16 vindo de Portugal. Adentrou as terras africanas em busca de riquezas e braços para o serviço pesado no além-mar. Nesse longo período de dominação portuguesa ocorreu toda sorte de exploração e desmandos.

Destruição dos recursos da terra com exploração desmesurada; destruição das culturas dos povos da terra pela imposição de usos, costumes, mentalidade e língua estrangeiras, dados como superiores, a despeito de não atenderem às necessidades reais da vida e cosmovisão no ambiente africano; destruição física – através da escravização, trabalhos forçados, guerrilha – e psíquica dos indivíduos, que se tornam sujeitos deslocados, demonstrado aquela ambiguidade do sujeito dominado que se pode verificar nos colonialismos em qualquer latitude (CANTARIN, 2012, p. 30).

Desde esse período até o contexto pós-independência em Moçambique, narrativas fortaleceram a literatura nacional, pois os africanos fazem da literatura um instrumento de afirmação de sua identidade, intimamente ligada aos anseios de novos tempos, comportamentos e costumes. É por meio deste processo que as atividades culturais, políticas e econômicas do país moçambicano ganham relevância sob o olhar de escritores críticos à violência e às transformações de identidade e tradição do povo do continente africano num todo.

Mia Couto, por meio de suas obras, fez surgir uma consciência social de voz coletiva, e lado a lado, colonizadores e colonizados, os resultados trágicos das guerras coloniais e civis entre portugueses e moçambicanos obtiveram lugar de destaque em suas criações literárias.

Como contextualiza Campos, “verificou-se um desejo de recontar o passado longínquo, assim como a história vívida do presente” (2006, p. 23). Dessa forma, autores preocupados com o futuro de Moçambique não deixaram de fazer referência às desordens do passado, para que assim fosse possível justificar os rumos de ordem e progresso do povo moçambicano.

Outro aspecto a ser considerado é a utilização de uma linguagem coloquial como forma de aproximação com o leitor. A utilização de provérbios recriados sob uma nova singularidade e visão de mundo. Contudo, Couto utiliza os provérbios como forma de



provocar o espírito crítico e a reflexão do leitor, por meio de personagens que manifestam sofrimento, angústia, medo, resistência, incerteza, revolta, sonhos e tantos outros sentimentos.

Os contos de Mia Couto selecionados para este estudo são permeados pelas ligações entre o homem e a terra, a natureza e os fenômenos naturais, explicáveis ou não. Seu texto é poético, subjetivo, e a maneira como trabalha as palavras, a profundidade de seus personagens e a sua crítica política são características que o consagraram como ícone da literatura contemporânea.

Nas obras de Mia Couto, analisamos como sua escrita se ancora na visão de mundo das culturas tradicionais africanas, sedimentadas na relação de simbiose entre o homem e a natureza (ROCHA, 2001, p. 332).

Por meio da escrita, Mia Couto revela o desmonte das culturas tradicionais, o desaparecimento dos valores culturais e a insensibilidade dos homens, ao mesmo tempo questiona o modelo de modernidade implementado em Moçambique. Ele procura preservar a memória coletiva moçambicana, buscando as histórias passadas de geração a geração, mesmo sabendo que o país passou por um violento processo de rupturas.

A literatura de Mia Couto não aborda a ética como um conjunto de regras morais, mas como a criação de acordos entre os sujeitos e o ambiente. Propõe um ambiente de pactos e compromissos entre uma natureza imperiosa e suprema. O discurso predominante é a superioridade do colonizador frente à depreciação do outro, o colonizado. Este por mais que se adapte à situação, sempre será inferiorizado. O negro, africano e pobre, acaba por se adaptar a essa situação como se fosse normal.

Por meio de sua vasta produção literária, Mia Couto tem a visibilidade de um escritor comprometido com a sua terra, com a pluralidade cultural de seu país, utilizando as narrativas de ficção para expressar, simbolicamente, emoções humanas. O povo moçambicano conserva uma forte ligação com o seu espaço, com o seu chão, o qual se caracteriza como um lugar sagrado.

## **5. O CONTO COMO GÊNERO DA ECOCRÍTICA**

Por se tratar de uma narrativa de curta extensão, o conto mostra a vida das personagens e pode ser caracterizado como um modo privilegiado para romper com o racional, dando espaço para outras realidades. Um dos elementos próprios desse tipo de

narrativa reside no caráter de brevidade do texto: uma situação comum, simples, com um número reduzido de personagens e uma ambientação social sucinta.

O conto é uma das mais velhas práticas do homem, tem capacidade lúdica e o poder de encantar, constituindo uma maneira de a comunidade ver o mundo, onde a força da palavra é responsável pelo estabelecimento de contato entre as pessoas. Desde sempre o homem tentou compreender o mundo e para isso ele precisou dizer e contar. Narrar é colher os fatos da própria experiência transformando-os em experiência para os ouvintes; significa também o encontro com os mistérios que envolvem o homem e a vida nos diversos momentos de sua existência, tendo como base reminiscência a tradição que transmite os eventos mais importantes de geração a geração (SOUZA, 2004, p. 336).

As histórias são construídas para exprimir desejos, sofrimentos e as alegrias de uma comunidade, assim a palavra tem uma função mediadora transmitindo a tradição sem perder o tom lúdico, há um sentimento de valor e de importância do que vai ser dito.

O gênero narrativo conto tem origem antiga. Sua manifestação está condicionada às práticas da oralidade e faz referência à cultura de um determinado lugar, identidade de um povo e exploração do modo de ser e estar no mundo dos grupos etnolinguísticos. Maria Fernanda Afonso salienta que essa configuração, originária do conto popular composta por elementos da oralidade e escrita, existe simultaneamente em uma organização textual comum na literatura africana, cujo propósito é preservar as origens.

[...] os escritores iniciaram uma literatura narrativa escrita, construída no limite do escrever e do falar, mas sempre criação total do seu autor. Um tipo de discurso híbrido, directamente concebido na escrita, seduzido pelo enraizamento na memória das tradições [...] (AFONSO, 2004, p. 98).

O resgate de narrativas tradicionais locais, incorporado nas narrativas curtas de Mia Couto não reproduz fielmente os costumes dos povos de Moçambique, porém não deixa de ser uma colaboração para a reescrita e reinvenção de um quotidiano esfacelado pela guerra, onde realidade e fantasia, fato e ficção estão conectados. O conto é o espaço da criatividade, da experimentação, que permite restabelecer os laços com a tradição oral e cultural e dialogar com o passado.

Cantarin desenvolve seu trabalho baseando-se nos conceitos de Thomas Kuhn (1975) e associa a temática com as ideias de Mia Couto na tentativa de construir um novo diálogo com o universo, questionando os papéis dos indivíduos na sociedade, valorizando a tradição e a sabedoria dos mais antigos. Essa nova ética proposta por Mia Couto é a base para uma era ecológica, onde é possível perceber a natureza plural das culturas africanas em que uma

árvore não é somente uma árvore, é considerada a morada de espíritos, um lugar onde transitam lendas, um mundo fundamentado nas plantas. A árvore representa a tradição e remonta as origens dos antepassados. Pode ser conselheira, mas também pode castigar quem ofende os elementos culturais dos moçambicanos. A árvore faz parte da tradição sócio-religiosa-cultural dos africanos e mantém viva a integração entre a natureza e os humanos.

Várias mulheres, em Couto, proporcionarão aos homens a ampliação de seus horizontes até então apenas racionais, facultando-lhes novas experiências [...]. É o que se pode observar no conto “Pranto de coqueiro” de *Estórias abensonhadas*, tem destaque o modo como as mulheres se manifestam em defesa dos valores da tradição e do sagrado, ligados ao meio natural, contra os interesses do capital (CANTARIN, 2012, p. 92).

Em “O embondeiro que sonhava pássaros”, inserido na obra *Cada homem é uma raça* e “O cachimbo de Felizbento”, do volume *Estórias abensonhadas*, nota-se essa preocupação.

Também homens – notadamente os nativos africanos do meio rural e com idade avançada – aparecem como guardiões de valores que se ligam à nova ética, valores de respeito aos deuses, que são gênios da natureza, e portanto, devem ser vistos e louvados nas coisas da natureza: árvores, pássaros, pedras: respeito pela sacralidade da terra e dos ancestrais que a ela pertencem e respeito pelo gênero humano, inclusive para os que não são naturais - os invasores (CANTARIN, 2012, p. 92).

Mia Couto empunha a bandeira em prol de novos valores éticos para uma nova era “em substituição àquela lógica do acúmulo pautada pela ‘ética do trabalho’ que não enxerga no humano utilidade para além de seu aspecto produtivo” (CANTARIN, 2012, p. 94). A obra coutiana defende que a libertação da mulher está associada a libertação da natureza.

Garrard (2006) define a Ecocrítica como o estudo das relações entre o humano e o não-humano, no decorrer de toda a história cultural humana. A teoria Ecocrítica constitui-se numa das várias possibilidades de leitura para analisar as relações dos homens com a natureza através do viés literário e está relacionada à mudança de paradigma em relação a uma nova ética para uma vida em harmonia com o universo, uma era ecológica.

A leitura dos contos “O cachimbo de Felizbento”, “O embondeiro que sonhava pássaros” e “Pranto de coqueiro” nos permite observar o descrédito do homem do campo mediante a modernidade e sinaliza para “uma conscientização profunda sobre o papel do homem e da mulher no meio natural e pode abrir caminho para as mudanças reconstrutoras do *socius* e do meio ambiente” (CANTARIN, 2012, p. 151). Chegou a hora de recuperar valores fundamentais que foram deixados de lado para redefinir um novo lugar do homem na natureza e não sobre a natureza. Esses três contos retratam:

[...] as distâncias que o ser humano inventou: distância do mundo urbano em relação ao rural, da modernidade em relação à tradição, dos jovens e dos velhos, homens e mulheres, brancos e pretos, razão e emoção... E é lapidarmente que o autor mostrará como o lado subalterno guarda também suas verdades, e estas são enriquecedoras para a relação entre os pólos, essenciais para desinventar as distâncias (CANTARIN, 2012, p. 153).

Sendo assim, faz-se necessário construir um novo diálogo com o universo, questionando os papéis dos indivíduos na sociedade, valorizando a tradição e a sabedoria dos mais antigos.

## **6. ANÁLISE DOS CONTOS**

Neste estudo, buscamos analisar os contos “O cachimbo de Felizbento”, “O embondeiro que sonhava pássaros” e “Pranto de coqueiro”, nessa ordem, do escritor Mia Couto. O mote maior da composição das narrativas a seguir são as histórias de sua gente, de seu país, assim como, a natureza, as florestas, os animais e os seres humanos. Nesse contexto, a Ecocrítica tem por meta estabelecer o equilíbrio e as negociações complexas entre natureza e cultura, promovendo interação entre o conhecimento ecológico da natureza e a perspectiva cultural, possibilitando a inserção do feminismo no debate ambiental.

Nos três contos, de alguma forma, há um diálogo com um tempo passado, ao mesmo tempo que estão carregados de elementos do mundo contemporâneo. É a tradição que dialoga com a modernidade. Às vezes, parece ser um diálogo tenso, conflituoso, que simboliza uma Moçambique à procura de afirmação e reorganização política, social e cultural. São textos que falam de um povo sofrido, das prescrições coloniais, apropriação do território e das mentes do seu povo. O colonialismo desencadeou atividades que interferiram no meio ambiente, alterando paisagens, relações afetivas e sociais, modificando o espaço sócio-econômico e cultural. É em “O cachimbo de Felizbento” e em “O embondeiro que sonhava pássaros” que o simbólico da árvore fomenta a leitura ecocrítica e pelo viés mitológico, a árvore serve de abrigo e simboliza a resistência ao dominador.

### **6.1 O cachimbo de Felizbento**

O conto “O cachimbo de Felizbento” aborda o desrespeito aos valores humanos em face da guerra. Por meio de um narrador em terceira pessoa, o enredo incide sobre o cotidiano de um camponês, já idoso, e sua esposa, que foram alertados por funcionários do governo que deveriam abandonar a sua casa e suas terras, assim como todos os demais moradores da localidade, em pretexto de seu país enfrentar um período de guerras.

Felizbento não admite sair e deixar suas coisas, seu chão, seu espaço rural, o qual é sentido como lugar de pertencimento, onde estão suas raízes e seus sonhos. Resolve que só sairá dali quando puder levar consigo todas as árvores do seu quintal. Para ele, elas têm grande importância, tanto que uma delas é considerada sagrada. O amor que sente pela terra e pelas árvores faz com que Felizbento escave a terra com a intenção de removê-las pelas raízes. Começa apressadamente por uma planta sagrada de seu quintal.

Sua esposa tenta convencê-lo para que esqueça essa ideia, mas ele está determinado a salvar as árvores e continua. Até que um dia apronta-se com terno e entra no buraco que cavara. Em tempo, retira do bolso um velho cachimbo e atira na areia. Ele some em um buraco sob uma árvore para não mais ser visto. Diariamente, sua esposa ainda chama por ele. Do cachimbo, brotou uma planta verde e vistosa que esfumaça como quem fuma. Para a mulher de Felizbento, que tem na representação da fumaça a vida do seu esposo: “não existe dúvida: em baixo de Moçambique, Felizbento vai fumando em paz o seu cachimbo” (COUTO, 2012, p. 51).

Para Felizbento, suas árvores, seu quintal, sua casa são o seu lugar no mundo, e este espaço não é como qualquer outro e, em razão disso, concede a eles um valor que se traduz como sagrado. Recusa-se a abandonar o local para que um outro de fora não venha profanar o lugar. Sair do seu abrigo significa enfrentar o desconhecido e seus perigos.

Os elementos simbólicos evidenciados na narrativa chamam a atenção do leitor. O primeiro que aparece no título do conto é o cachimbo. Desde culturas antigas, o elemento cachimbo tem representação e pode delimitar se é da paz ou da guerra. Para Chevalier, o cachimbo

[...] representa o Homem Primordial, erguido no centro do Mundo, portanto no Eixo do Mundo, a realizar através da prece, que a fumaça do tabaco materializa – fumaça essa que nada mais é senão o sopro, a alma – a união das forças ectonianas e do Deus Supremo. [...] a fumaça sagrada que evola do cachimbo, cujo forninho é um altar, e cujo tubo é o conduto do sopro vital (CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, 2008, p. 159).

Nesse processo, o cachimbo transforma algo que está em um estado físico sólido, o fumo, em algo de outro estado físico (gasoso), a fumaça. É a transformação da matéria. Em uma passagem bíblica da criação do homem, Deus sopra em suas narinas e a partir daquele momento o homem vive. Para que o tabaco dentro do cachimbo torne-se fumaça, é necessário que o homem use do seu fôlego, assim, esta fumaça também é o sopro da alma. No caso de Felizbento, a fumaça torna-se representação da luta para salvar um elemento sagrado, a árvore e também a cultura e identidade do seu povo. Também, o elemento fumaça/fumo serve como analogia para a questão da brevidade do tempo, já que, a fumaça é bastante efêmera, ao passo que podemos vê-la e rapidamente vem a desaparecer.

Ainda tem-se o buraco, e sua significação está ligada ao lado transcendente, questão antropológica. Felizbento sabe de suas raízes, acredita que não terá vida plena distante do seu lugar.

Embora a princípio a intenção manifesta de Felizbento fosse a árvore, ao cavar o buraco parece ter-se encontrado com um aspecto transcendental, optando não apenas por ficar *na* terra, ficar *com* a árvore, mas *ser* terra, *ser* árvore (CANTARIN, 2012, p. 155).

Percebe-se que o personagem principal deste conto recebe um nome que não está isento de valor semântico. Carrega diferentes possibilidades de sentidos e múltiplos significados. O nome Felizbento, feliz + bento, pode levar o leitor a imaginar que, em sua casa, em seu espaço, Felizbento encontra-se realizado, feliz e abençoado. E essa mesma ideia pode ser atribuída ao lugar, que, antes da chegada da polícia, era feliz e bento.

Para Felizbento, o espaço onde vive tem uma história sagrada (bento, abençoado), simboliza abrigo e aconchego, tem um sentido transcendente. Recusa-se a abandonar esse espaço para deixar alguém que vem de fora se instalar ali, ocupar o espaço sagrado, profanando o lugar.

As árvores estão carregadas de simbologia e desempenham um importante papel na vida do povo africano, em especial, na vida de Felizbento, podendo ser definida nas palavras de Chevalier e Gheerbrant:

[...] árvore é tema simbólico mais rico e mais difundido. Símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade [...] Serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração [...]. Árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. Simbólica: raízes (terra); galhos (céu) — universalmente considerada como símbolo das relações

que se estabelecem entre a Terra e o Céu (CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, 2008, p. 84).

Portanto, podemos afirmar que as árvores carregam um simbolismo e têm uma representação importante para Felizbento, assim como para outros povos, em especial, para o povo moçambicano. É considerada como símbolo da vida, em constante evolução, torna-se o elo entre o morador e suas crenças, sua história e seu espaço.

Na história do patriarcado e do colonialismo, a posse de territórios teve como consequência a subjugação das mulheres das terras, pois marginalizavam o diferente e assim a superioridade do homem branco europeu sobre os não europeus foi garantida.

No conto em análise, há outra personagem que tem destaque e aparece como mediadora em muitas das situações no decorrer do enredo, a esposa de Felizbento. Mesmo sem a informação do nome, ela tem uma participação importante durante toda a narrativa, tentando entre outras coisas, que ele esqueça um pouco das árvores e dê atenção a ela.

Quando Felizbento decide que vai remover todas as árvores do seu quintal, a mulher somente contempla o movimento, sem saber o que poderá fazer para retirá-lo daquela situação. “No escuro da noite, a velha só via a locomoção do petromax, parecia nenhuma mão lhe segurava” (COUTO, 2012, p. 49). E, foi nesse instante que ela percebeu que poderia seduzir Felizbento. “Ela se ofereceria, imitando os tempos em que seus corpos desacreditavam ter limite” (COUTO, 2012, p. 49). Percebe-se nesse exemplo algo bastante relevante, a recorrência de um estereótipo da mulher como sedutora.

As (os) críticas (os) feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva (ZOLIN, 2006, p. 226).

Importante perceber que Mia Couto tem uma preocupação no modelo como a mulher é retratada na literatura, enfocando mais para o lado da crítica social, como é o caso dos personagens femininos não serem nomeadas, uma maneira de denunciar o modelo de patriarcado africano.

## **6.2 O embondeiro que sonhava pássaros**

O conto “O embondeiro que sonhava pássaros” tem como tema o choque resultante da incompreensão cultural na sociedade colonial portuguesa. Apresenta uma narrativa curta e de forma “mágica”, nos guia a um cenário social, racial, cultural e econômico, ao qual estava inserido Moçambique no final do período colonial. Também mostra com precisão a relação entre árvore e resistência à dominação colonialista. A personagem principal é um vendedor de pássaros, negro, desprezado e finalmente massacrado pelos habitantes brancos da vila colonial.

Não é necessário dizer que essa postura racista toma como parâmetro o colonizador e sua cultura. Com isso ele irá mistificar a si próprio como superior, legando ao colonizado – pólo oposto – o papel subalterno. Fique claro que essa dualidade de colonizado/inferior versus colonizador/superior não é concebível senão da perspectiva do racismo que o dominador se esforça por imprimir à relação. Tanto se esforça que consegue (CANTARIN, 2012, p. 154).

O passarinho mora no oco de uma árvore, o embondeiro. Diariamente, pela manhã, ele adentra os bairros dos colonos portugueses carregando suas gaiolas com pássaros maravilhosos para venda e alegrando a criançada com o som de sua muska (gaita-de-boca). Por conta disso, ele empreende uma desordem no dia-a-dia dos habitantes adultos, incitando, simultaneamente, uma antipatia nos adultos e deslumbramento dos pequenos pelos pássaros encantados. A presença do negro incomoda e o direito de pisar com seus pés descalços o chão da terra em que nasceu lhe é destituído. Os pais não admitem a aproximação dos filhos com o passarinho e em razão disso, fomentam a desconfiança. Num determinado dia, episódios estranhos começam a ocorrer nas residências dos colonos “Portas e janelas se abriam sozinhas, móveis apareciam revirados, gavetas trocadas” (COUTO, 1990, p. 33). Enfurecidos, os brancos resolvem acabar de vez com a intromissão do negro sobre seu mundo ordenado.

Dentre as crianças, quem estabelece relações mais próximas com o vendedor de pássaros é o garoto Tiago, “criança sonhadeira, sem outra habilidade senão perseguir fantasias” (COUTO, 1990, p. 31). Convictos os colonos pela erradicação do vendedor de pássaros, Tiago corre para avisá-lo da intenção dos adultos. O passarinho não foge, espera. Ele é o autêntico herdeiro desde solo. Diante disso, veste-se com traje apropriado para receber “os visitantes. Lhe competia o respeito, deveres de um anfitrião” (COUTO, 1990, p. 34). Agredido fisicamente pela corja, é transportado à prisão e, no dia seguinte, desaparece misteriosamente. O menino Tiago, vendo que o amigo não estava na prisão, volta ao embondeiro e se abriga no oco e põe-se a tocar a gaita e a sonhar. Após saberem do sumiço do passarinho, os colonos também partem em busca do desaparecido. Ao se aproximarem do



embondeiro, escutam melodias entoadas por uma gaita-de-boca e imaginam que o passarinho lá está escondido. Nesse momento atei fogo na árvore.

Já no início do conto pode-se observar uma feição segregacionista e o menosprezo de que essa personagem é vítima. O passarinho não tem uma identidade civil, o que transgride uma norma social já fortalecida. Ou melhor, era somente conhecido pelo seu ofício. É apresentado pelo narrador sempre como o excluído pelos colonos.

Esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol. Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinho (COUTO, 1990, p. 31).

Na sequência do conto, muitas outras denominações são atribuídas ao passarinho. Denominações essas vindas dos colonos: preto, pés descalços, negro, tipo, sacana, gajo, velho que aparecem ao longo do conto. Expressões como essas assinalam o não pertencimento do passarinho à vida social do bairro colonial, tal como a repulsão ocasionada pela relação dessa personagem com um regulamento não-natural, segundo o fragmento abaixo:

Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos - aquele preto quem era? Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar. Contudo, os pássaros tão encantantes que são - insistiam os meninos. Os pais se agravavam: estava dito (COUTO, 1990, p. 31).

No decorrer do conto, é possível perceber que os colonos manifestam seu medo em relação à capacidade de encantamento do passarinho. Na investida de desqualificar esse encantamento, os moradores tentam depreciar o vendedor de pássaros, comparando-o aos bichos e desfazendo de sua música.

Os senhores recebiam as suas próprias suspeições - teria aquele negro direito a ingressar num mundo onde eles careciam de acesso? Mas logo se aprontavam a diminuir-lhe os méritos: o tipo dormia nas árvores, em plena passarada. Eles se igualam aos bichos silvestres, concluíam (COUTO, 1990, p. 32).

Na passagem a seguir há a manifestação de diferentes visões de mundo, assim como o receio dos colonos diante do desconhecido, visto que os moradores descobriram que o negro possui acesso ao mundo encantado da natureza. Receiam os colonos que a aproximação do vendedor de pássaros a essa outra ordem os motive perder sua identidade.

Aquela música se estranhava nos moradores, mostrando que aquele bairro não pertencia àquela terra. Afinal, os pássaros desautenticavam os residentes, estrangeirando-lhes? Ou culpado seria aquele negro, sacana, que se arrogava a existir, ignorante dos seus deveres de raça? O comerciante devia saber que seus passos descalços não cabiam naquelas ruas (COUTO, 1990, p. 33).

E para que o temor não tome conta, os colonos se utilizam da violência como derradeiro recurso. O passarinho é inconveniente no bairro colonial. Quando não é possível compreender ou aceitar algo, o uso da violência se faz presente. Diante disso, dá-se um fim àquilo que incomoda, mesmo sem sequer entender os motivos da desaprovação.

Interroguem o gajo, espremam-no bem. Era ordem dos colonos, antes de se retirarem. O guarda continenciou-se, obediente. Mas nem ele sabia que segredos devia arrancar do velho (COUTO, 1990, p. 35).

O embondeiro, também conhecido como baobá, entre outras denominações, é uma árvore enorme, com galhos e tronco excessivamente grossos, sem ramificação, comum nas savanas africanas. Em média pode atingir quinze metros de altura e tronco com aproximadamente oito metros de diâmetro. É um ícone das árvores africanas, conseguindo armazenar grandes quantidades de água no seu interior para suportar as duras condições das zonas áridas em que vive. Também é importante para a preservação da vida selvagem porque é um sustentáculo importante na construção de ninhos de aves.

Essa árvore envolve o mundo social e religioso dos africanos, portanto, elemento cultural desses povos. Seguindo essa lógica, pode-se perceber que o embondeiro presente no conto de Mia Couto, bem como o passarinho e os pássaros exercem o papel de colonizados, numa técnica de invasão, conquista e aniquilamento dos colonizadores.

Nesse conto, percebe-se que o simbólico da árvore potencializa uma leitura Ecocrítica e Mia Couto produz uma escritura que “clama e conscientiza, como também reflete os novos padrões éticos que devem servir de base ao paradigma ecológico ora nascente (CANTARIN, 2012, p. 07).

O passarinho estabelecia relações harmônicas com a natureza, visto que residia dentro de uma árvore e gerenciava os pássaros. O embondeiro, símbolo da proteção e da resistência, servia de abrigo e repouso – ele representa o povo africano. No final do conto, demonstra que, ao destruir o povo e sua terra, os colonizadores destruíam a si mesmos, numa forma de nos apontar à reflexão para um outro modo de viver – com respeito e empatia, entendendo que todos somos parte da mesma casa.

Isso tem bem a ver com a diferenciação do que Rancière (1996) coloca entre política (diversidade, debate, dissenso) e polícia – uma ordem única, estabelecida pelos poderosos e que ignora – massacra – o diferente.

Pode-se entender que os termos política e polícia são contraditórios. Este tem o propósito de demarcar/prescrever a ordem de uma comunidade, enquanto aquele tem a intenção de difundir e redefinir tais prescrições. Rancière salienta que a ordem policial é própria de atividades dos estados modernos enquanto autoridade de administração. Segue a lógica de uma razão científica com o intuito de manter a ordem e o progresso. O termo política pode ser atribuído às diversas atividades que perturbam a ordem da polícia, como explica Gomes, em uma leitura de Rancière:

A política existe justamente porque aqueles que não possuem o direito de serem contados como falantes, de alguma forma fazem de si parte da conta: forçando a constituição de uma comunidade embasada no fato de enunciar um conflito comum, que é em si uma contradição de dois mundos em um só: o mundo da hierarquia e o mundo da igualdade. Fora do escopo da igualdade, as formas de partilha são opostas às políticas, e a isso Rancière chama de polícia: que consiste mais em uma regra que governa ao indivíduo em seu grau de perceptibilidade, do que em uma configuração de sua ocupação e das propriedades dos espaços onde essas ocupações são distribuídas (GOMES, 2014, p. 108).

O que vemos no conto é que o dissenso possui uma lógica que tenta demonstrar uma inconveniência que desarranja a identidade do passarinho. Como consequência, a política insiste em ocultar os limites do que é considerado político e o que é próprio da vida social ou privada. Desse modo, a política precisa de um desentendimento; ela prevê a existência de igualdade enquanto ponto de partida e uma diferença de visão de mundos.

### **6.3 Pranto de coqueiro**

E por último, o conto “Pranto de coqueiro” discute a valorização do espaço de origem e trabalha com a ideia de que a resistência à opressão colonial/capitalista está em linha com a manutenção dos valores tradicionais, que por sua vez tem no ambiente natural (árvores, frutos e plantas medicinais) sua sustentação.

Tem-se a presença de um elemento da terra, o coco, que é arrancado do coqueiral e lamenta, chorando tal qual um ser humano. O narrador inicia o relato descrevendo um acontecimento que teve repercussão nacional. Trata-se da história de Suleimane Ibraímo que,

ao partir um coco verde, espanta-se por constatar que o fruto na verdade resguarda sangue em seu interior, ao invés do líquido comumente contido, e possui ainda voz humana manifestada através de choros e lamentos. Suleimane e seu amigo estavam à espera de um barco para retornar à Inhambane, lugar relativamente distante de Maputo – capital de Moçambique.

Não que o lugar não nos desse um minucioso descanso. Inhambane é uma cidade de modos árabes, sem pressa de entrar no tempo. As casas pequenas, obscuras, suspiram no cansaço desse eterno medir forças entre a cal e a luz. As ruas estreitas são boas de namorar, parece que nelas, por mais que andemos, nunca nos afastamos de casa (COUTO, 2012, p.42).

Na passagem acima, pode-se notar o apego do narrador ao local, pelas qualidades que atribui ao lugar como sendo simples, campestre, acolhedor, sem ostentação, aconchegante, sem pressa. E os aspectos da tradição podem ser avistados nesse contexto, como é o caso da história dos coqueiros, contada pelos moradores do lugar.

Nesse ínterim, o narrador resolve comer um bolinho de coco e é pego de surpresa por uma criança que o aconselha a não consumir nenhum alimento cuja proveniência esteja relacionada ao fruto sagrado. A partir de então, junto com as razões para evitar a ingestão do bolinho, a mãe do menino traz à tona narrativas reveladoras das maldições lançadas sobre os que, em outros tempos, desconsideraram a sacralidade do coco verde. O narrador é impedido de comer um bolo, por se tratar de algo feito à base de coco verde.

À boa maneira do campo, todos se confirmam. Exclamações de quem, não dizendo nada, concorda com o que esteve calado. Só então a senhora desembrulha palavra: – Pois lhe digo: minha filha comprou um cesto de lenho lá nos bairros. Trouxe o cesto na cabeça até aqui. Quando ela quis tirar o cesto não conseguiu. A coisa parecia estava pregada, todos fizemos a força e não saiu. Só houve um remédio: a moça voltou ao lugar da venda e devolveu os cocos no vendedor. Ouviu? E já no presente o senhor que me ponha mais ouvido. Nem diga que não ouviu falar no caso da vizinha jacinta? Não? Lhe acrescento, senhor: a cuja jacinta se pôs a ralar um coco e foi vendo que nunca mais esgotava a polpa. No lugar de uma panela ela encheu as dezenas delas até que o medo lhe mandou parar. Deitou tudo aquilo no chão e chamou as galinhas para comerem. Então, sucedeu o que nem posso bem contar: as galinhas se tresconverteram em planta, pena em folha, pata em tronco, bico em flor. Todas, sucessivamente, uma por uma (COUTO, 2012, p. 100).

A mãe do menino insiste em legitimar o discurso da crença e dos costumes se utilizando de narrativas sobrenaturais. Ela fala de um cesto de lenho, do caso de uma vizinha, que ralou a polpa de um coco. Ao se dar conta do episódio, a senhora chamou as galinhas para comerem a polpa e as vês, uma a uma, transformarem-se em plantas.

Como decorrência do ato de cortar e consumir o coco verde e como forma de proteger o sagrado, há o episódio das maldições que faz parte da cultura dos habitantes do lugar. Percebe-se a atitude do homem contemporâneo diante da crença na tradição. O embate entre a cultura tradicional e a ciência moderna. “A natureza torna-se, pois, um campo de resistência e de luta para as mulheres, num contexto mais específico, e num mais amplo, de resistência contra a opressão e exploração generalizada do planeta” (BRANDÃO, 2003, p. 465). Deste modo, tomando a natureza como campo privilegiado dos embates por poder e significado, ela pode também ser palco para a releitura dos conceitos “mulher” e “homem”, ambos, tal qual a natureza, construídos pelo discurso hegemônico (CANTARIN, 2012, p. 105).

Cabe destacar aqui, o modo como a mulher se manifesta em defesa dos valores da tradição e do sagrado, ligados ao meio natural, contra os interesses do capital. Ao analisar a relação mulher/natureza no conto, nota-se uma preocupação sobre a ética ambiental. Isso se deve ao ecofeminismo que favoreceu a consciência ecológicas das mulheres.

Na continuidade da narrativa, o narrador percebe que o amigo levava consigo, para a capital, o coco cortado. Relatando algo incomum e incoerente na tentativa de revelar a hostilidade e a destruição dos recursos naturais de seu espaço de origem. Também aqui é possível, pela antropomorfização, entender o ser humano, as plantas e os animais como uma coisa só. Respeito àqueles passa pelo respeito a essas e somente nessa relação, de respeito ao todo que nos envolve (cultural ou ecológico) é que manteremos a vida.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises aqui apresentadas demonstram uma maneira de se olhar o gênero conto sob as propostas da Ecocrítica. Diferentes formas deverão se materializar assim que haja a consciência da importância de se investir nesse assunto.

Como ideias para próximas reflexões, vamos propor alguns questionamentos para sala de aula, que poderão iniciar um direcionamento; o professor pode, a partir de um texto literário, questionar sobre como a natureza é representada, as metáforas sobre a terra ajudam numa melhor compreensão de como acontece a interação entre os humanos e a natureza. Dessa forma, aos alunos pode-se passar ideias de como colaborar para que a permanência do ser humano na terra seja mais consciente, cuidadosa e responsável. Qual a relação do homem com esta natureza? Seria hoje ainda adequada, tendo em vista uma cidadania planetária?

Como gostaríamos que fosse? Estas e outras questões podem ser trabalhadas pelo professor em sala de aula.

Finalmente é importante destacar a presença da figura da árvore nos três contos analisados, cuja representação é ampla. Em algumas narrativas, aparece como observadora e frágil diante dos abusos exercidos pelo colonialismo e, em outras, forte na tentativa de contestar tais abusos.

Os contos analisados mostram-se simbólicos, marcando o lugar, a cultura, a tradição e a ancestralidade, da comunhão entre o natural e a terra, a natureza, bem como uma preocupação com a identidade dos povos africanos, mostrando o conflito entre a imposição dos valores coloniais e os valores tradicionais, que, de alguma forma, conseguiram se preservar.

A escrita de Mia Couto faz uma tentativa de esclarecer ao leitor que, por conta das ações desmedidas do ser humano, ocorre o desequilíbrio da natureza. Sendo assim, há necessidade de instaurar um novo paradigma de relações entre os seres humanos e o meio ambiente de acordo com uma profunda mudança na percepção dos homens, para trazer a cura, a integridade e o equilíbrio para o planeta e para a humanidade. O abismo criado pela sociedade industrial separou o homem da natureza, o qual passou a abordá-la como estrangeira e com ela se relacionando apenas por meio de máquinas. O motor mais importante da história está sendo destruído e dominado pela ganância humana.

Garrard (2006, p. 218) afirma que o “sistema Terra” está no estágio inicial de extinção. Uma crise ecológica está ameaçando a vida na terra impulsionada pelo homem. Essa crise simboliza a própria noção de humanidade. Por isso é preciso rever o comportamento e apregoar a necessidade do ser humano redimensionar as atitudes e práticas diante do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano: escritas pós-coloniais**. Lisboa: Caminho, 2004.
- BRANDÃO, Izabel. Ecofeminismo e Literatura: novas fronteiras críticas. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahideé Lupinacci. (Orgs.). Refazendo nós: Ensaio sobre Mulher e Literatura. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 461-473.
- BRASIL, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. PCNEM: **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2002.
- CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. **África & Brasil: letras em laços**. Maria Teresa Salgado. São Caetano do Sul: Yedis Editora, 2006.
- CANTARIN, Márcio Matiassi. **Por uma arrumação do mundo**: a obra de Mia Couto em seus pressupostos ecosófico. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- CAPRA, Fritjof. Educação. In: TRIGUEIRO, André. (Coord). **Meio ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 5ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. p. 19-33.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça: estórias**. Lisboa: Caminho, 1990.
- COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GLOTFELTY, Cheryl. **Ecocriticism reader**. University of Georgia Press, 1996.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- GOMES, Pedro Augusto Boal. **A partilha do sensível**. Revista Brasileira de Bioética 2014; 10 (1-4):106-109.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MARINO, Marina Cristina Pinto E MOLINARI, Yuri Amaury pires. **Imagens, corpos e vozes**: arte e comunicação no contemporâneo. Londrina: Syntagma Editores, 2019.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Trad. Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 12ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. (1996). **O Dissenso**. Em Aauto Novaes (Org.), *A crise da razão*. São Paulo: Minc-Funart/Companhia das Letras.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo; Editora 34, 2009.

ROCHA, Eunice do Carmo Albergaria. **A utopia do diverso**: o pensamento glissantino nas escritas de Edouard Glissant e Mia Couto. Universidade de São Paulo. Doutorado em Letras, 2001.

SOUSA SANTOS, B. Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro. In: Conferência de abertura ao VIII Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, Conferência de abertura ao VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004.

SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. 1.ª ed. São Paulo: DCL, 2004.

TOSTES, Paulo Roberto Machado. **Entre Margens**; O Espaço e o Tempo na escrita de Mia Couto. Tese de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª ed. Maringá - PR: Editora da EDUEM, 2009.